

Governo tentou evitar a expressão 'pacote'

RICARDO AMARAL

BRASÍLIA — Pela primeira vez em três anos de governo e quase quatro de estabilidade, o presidente Fernando Henrique Cardoso teve o desprazer de encontrar a palavra pacote nas machetes dos jornais. "Tentamos evitar isso, usando a expressão medidas, mas não deu para seguir", lamentou um auxiliar do presidente. "A imprensa pegou o velho espírito." O da cobertura dos governos que surpreendiam a população com pacotes e davam sustos no mercado, criando um ambiente de incerteza que não combina com moeda estável.

No Palácio do Planalto e nos ministérios da área econômica, a necessidade de editar um pacote e não um "conjunto harmônico de medidas" foi considerada um fato quase tão negativo quanto o conteúdo impopular das medidas. O real, afinal de contas, nasceu sob o signo da transparência e da previsibilidade, numa sociedade traumatizada pelos sustos da hiperinflação e desgastada com a impossibilidade de planejar o futuro. Pior: o problema de editar o primeiro pacote é que ele abre a perspectiva de que outros virão, analisava um líder governista ontem à tarde.

Os ministros Pedro Malan, da Fazenda, e Antônio Kandir, do Planejamento, deixaram para seus subordinados imediatos, os secretários-executivos Pedro Parente e Martus Tavares, o anúncio das medidas pela televisão.